

Revista de Agricultura

Publicação bi - mensal de ensinamento teorico e pratico

DIRETORES

Prof. N. Athanossot
Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Carlos T. Mendes
Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Vol. 17

Março - Abril de 1942

N. 3 - 4

Gado leiteiro sertanejo do Nordeste

PROF. OCTAVIO DOMINGUES

Catedrático de Zootecnia da Escola
Nacional de Agronomia

I

O GADO DO SERTÃO E' MAU LEITEIRO

A criação de bovinos, ou a criação de gado em geral, notabilizou-se, no Nordeste, de algum modo, pela produção de queijos. São tradicionais o queijo de coalho do Ceará (superior ao queijo chamado "de Minas"), o queijo de manteiga do sertão, e o requeijão de Seridó. E a produção de queijo decorre da produção de leite.

A conclusão a tirar seria, então, que o gado bovino sertanejo deve ser um gado leiteiro. Essa conclusão, no entanto, é errônea. O gado sertanejo não é um grande produtor de leite, mesmo porque o meio ecológico não favorece tal aptidão zootécnica. Desta sorte a seleção natural não poderia ter-se processado nesse sentido.

A produção de queijo não é, pois, uma consequência direta de uma alta aptidão leiteira, da vaca nordestina. Resulta, antes, de três fatores a saber:

1 — Parições acumuladas nos meses de inverno, daí um grande número de produtoras a ordenhar;

2 — produção acima da capacidade de consumo local;

3 — impossibilidade de transportar êsse leite para fora da fazenda, para a cidade, ou para a capital.

E, como se sabe, o queijo é o meio mais fácil de exportar leite, de uma fazenda, no sertão, sem o empate de capital e sem o trabalho exigido no fabrico da manteiga.

Tudo levou o sertanejo a ser um produtor de queijo, no que êle se notabilizou, não tendo conseguido criar uma indústria rica, justamente por ser reduzida sua produção, devido à deficiência da matéria prima — o leite. Assim mesmo é êle, como se sabe, quem ajuda, com seu pequeno contingente de queijo de coalho velho, para satisfazer o consumidor do sul, quando êste exige “parmezão” para sua macarronada. O sertanejo tornou-se um fabricante de queijo porque tinha leite demais, em certa estação do ano. E nem a venda dêsse leite, nem o fabrico da manteiga poderiam resolver o problma do aproveitamento dele. Só a transformação em queijo, um produto de mais fácil conservação e de transporte possível.

O gado sertanejo não pode ser leiteiro porque lhe faltará o estímulo para isso. O meio não pode favorecer a lactação porque:

1 — O clima é demasiadamente sêco;

2 — só há abundância de pastagem natural verde du-

rante a estação do inverno, que não passa de quatro meses, no máximo cinco.

Por isso a vaca sertaneja produz muito acentuadamente mais leite durante os três primeiros meses de lactação, e aos seis, sete meses já não produz quasi nada, ou mesmo nada. Ou melhor, não produz quantidade suficiente, que permita ser vantajosamente ordenhada.

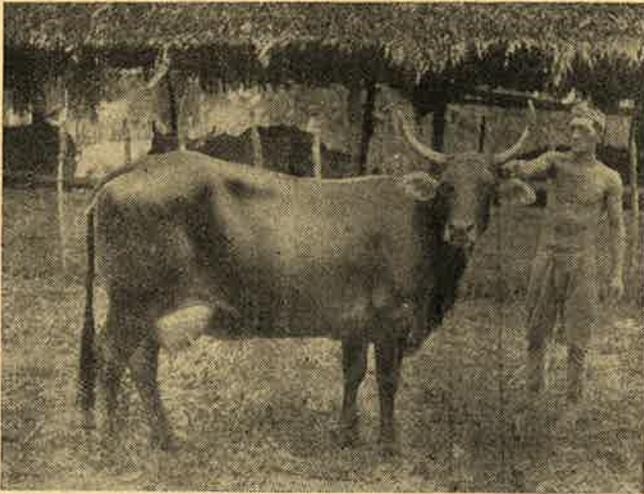


Fig. 1 — Mestiça Schwyz Zebú criola que chegou a produzir 20 litros diários, com ração. Estabulo rustico nos arredores de Terezina, Piauí (1937).

Demais, parindo tardiamente, porque seu desenvolvimento é mesmo tardio, e, ainda, parindo de dois em dois anos, como em geral acontece, não tem de nenhum modo estimulado seu aparelho lactígeno. Isto é, de nenhum modo é ela submetida à ginástica funcional dêsse aparelho.

E quanto à raça?

Pelo seu sangue, o gado sertanejo só parcialmente poderia apresentar uma aptidão leiteira. E êsse sangue leiteiro seria o do Turino. Como se sabe, êsse gado deve ter sido importado para o norte do Brasil, afim de fornecer leite aos

núcleos populosos do litoral. E é natural que tenha penetrado pelo interior. Por isso ainda hoje se encontram rêses lavradas denunciando seu sangue batávio. Por isso, ainda, comumente vacas de pelagem "lisa" parem bezerros malhados, mostrando sua origem turina. Por isso, finalmente, as rêses pretas ou "azeitonas" são tidas, ali, como boas leiteiras, e essa pelagem deve ter sido introduzida com o gado Turino.

A raça Turina nada mais é do que o gado holandês, malhado de preto, levado a Portugal, e lá degenerado mais ou menos, por falta de seleção, e talvez ainda por algum cruzamento, tendo vindo finalmente para o Brasil, como rêses leiteiras, povoando os arredores das cidades e vilas, e também os engenhos de açúcar. A malha dos bovinos é um caracter recessivo, daí nos cruzamentos ela desaparecer, em contacto sexual com indivíduos de pelagem lisa. Mas o preto do bovino é dominante. Daí aparecerem, na gadaria sertaneja, rêses pretas ou "azeitonadas", e rêses malhadas, mais ou menos discretamente, e por certo de sangue turino.

A aptidão leiteira dessa sub-raça ou variedade não é grande. Porém se mostrou (o Turino quasi que não existe mais) maior do que a das outras estirpes daquelas épocas. E suas descendentes de hoje não se apresentam herdeiros dessa aptidão, a não ser talvez, em certos casos, muito raros, daí aquele preconceito sertanejo, atrás citado, de que as rêses de pelagem azeitona ou preta são boas de leite.

Fora dêsse sangue não há outro sangue leiteiro, que tenha contribuído para a formação do gado sertanejo. Nem o *B. t. aquitanicus*, a que se filia o Caracú, raríssimo no Nordeste, nem o *B. t. ibericus*, que deu o Curraleiro e o Criôlo, nem o *Bos indicus*, que deu o China e o Malabar são de sangue com acentuada aptidão leiteira.

E mesmo que houvesse, ou tivesse havido sangue leiteiro (como houve, embora em porção muito diminuta — caso do Turino), o meio ecológico não teria favorecido sua expansão. O ambiente dos sertões provocou a formação de uma gadaria pouco leiteira. Ou em outras palavras, cuja lactação se mostre compatível com os recursos forrageiros, com a reduzida estação na qual abundam as forragens, e com o clima tropical sêco.

Isso não quer dizer, todavia, que não se possa explorar a lactação, do gado sertanejo. Pode-se, primeiramente porque a formação de rês leiteiras, acentuadamente mais leiteiras do que as demais, não é coisa muito rara. Segundo, é possível corrigir o meio ambiente, no sentido de melhorar a alimentação, afim de ser garantido um arraçoamento suficiente.

II

AS VACAS LEITEIRAS DO SERTÃO

Não são muito raras as boas vacas leiteiras, no sertão do cã, afim de ser garantido um arraçoamento suficiente.

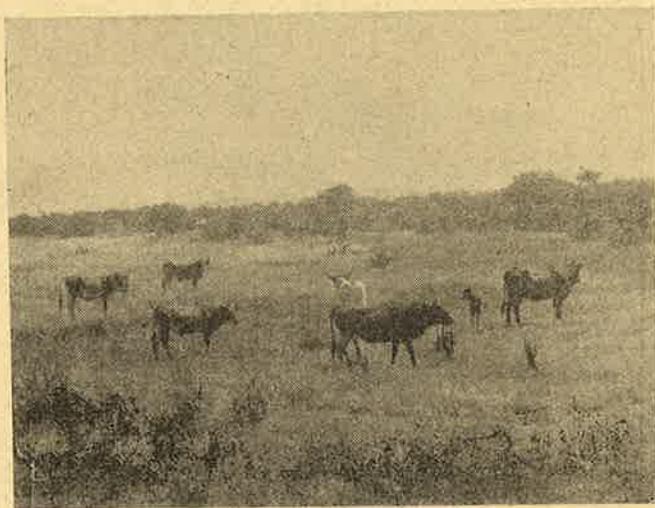


Fig. 2 — Taboleiro de panasco. Varzea do Souza. Paraíba (1937).

à gadaria sertaneja, cuja aptidão lactígena, vimos, está abaixo do sofrível. E tal afirmação vai desamparada de números porque os números que poderíamos obter absolutamente não resultam de uma medição mais ou menos idônea, da produção. O que se consegue são informes sem grande precisão, como

seja: "Esta vaca produz mais de dez litros com ração". Ou: "Aquela ali dá oito litros coadinhos". E ainda: "Desta aqui não se tiram nem dois litros de manhã"...

São informações que nos permitem chegar a alguma conclusão, mas não a uma conclusão certa, segura e definitiva. Apenas uma orientação para armar hipóteses. Essas "boas leiteiras" faladas e apontadas, por exemplo, são vacas que surpreendem ao próprio vaqueiro, pois no meio de outras, que produzem dois litros ou pouco mais, elas chegam a dar cinco, oito e mais litros, ainda se reservando leite para os bezerros. De um modo geral as vacas, cuja produção diária está em torno de cinco litros, são consideradas boas.

E que vacas são essas, qual o seu sangue?

Pelo conhecimento que tenho da pecuária sertaneja, adquirido em algumas viagens de estudo, no interior do Nordeste, pude verificar que as melhores vacas leiteiras são mestiças: 1 — de holandês, com sangue criôlo-azebuado; 2 — mestiças zebú-criôlas ou zebú-criôlo-turinas; 3 — mestiças de Schwyz, com sangue criôlo-azebuado; 4 — criôlas propriamente. Isto tratando-se de gado em criação extensiva, sem ração complementar regularmente distribuída. Ou apenas com uma ração de "caroço" ou farelo de algodão, "resíduo" e mais raramente com farelo de trigo e de algodão, batata doce (muito raro), ponta de cana. Geralmente dão um litro de "caroço" para cada litro de leite ordenhado. Ou uma média de três litros de "resíduo" por cabeça, para as vacas estabuladas, que recebem capim no cocho.

A cruz de zebú parece provocar uma melhoria na aptidão leiteira, talvez explicável por determinar uma soma biológica da rusticidade e melhor aproveitamento das forragens grosseiras, com a aptidão leiteira do holandês, do Schwyz e mesmo do Turino. No caso das vacas de meio-sangue zebú-criôlas, talvez o melhor aproveitamento das forragens possa explicar esse aumento da lactação.

O fato é que as mestiças são melhores do que as vacas puras, no regime comum do sertão.

Não quer isso dizer que eu não tenha visto vacas holandesas e vacas suíças puras, com boa produção, no Nordeste.

O gado leiteiro de Fortaleza é quasi todo êle de sangue holandês, e algumas vacas são puras ou com alta porcentagem de sangue holandês. Trata-se porém de vacas arraçadas nos estâbulos da capital, enquanto produzem. Uma vez sêcas, voltam às fazendas onde são sôltas, para tomar cria, e nessa fase não têm ração suplementar. Salvo no tempo da escassez de forragens.



Fig. 3 — Vaca aturinada-azebuada, boa leiteira, da Fazenda “Tambores”, municipio de Pesqueira, (1937)

O que não encontrei foi a vaca Curraleira, boa produtora de leite. O rebanho em seleção no Posto Experimental de Criação, em Sobral, demonstrou fraca aptidão leiteira. Aliás a escolha da matriz, para iniciar a seleção, não pôde obedecer a um critério baseado na produtividade. A questão da pelagem prevaleceu mais facilmente por se tratar de um caracter exterior, de julgamento indiscutível; o mesmo não se dando com a capacidade leiteira. Aquí a escolha só poderia ser feita, como foi, aceitando-se a informação do próprio criador e vendedor; única fonte informativa, mas infelizmente por demais suspeita.

III

O ARRAÇOAMENTO SUFICIENTE

A raça ou o sangue ou o plasma germinal (como se prefira dizer) constitue um fator indiscutível para uma produção melhor e maior. Mas a alimentação também é outro. E enquanto não tivermos garantido um arraçoamento suficiente, a preocupação com o sangue pode tornar-se inútil ou mesmo negativa, como já tem acontecido.

No sertão, a primeira medida para isso, é o *açude*, fonte de produção forrageira durante o ano todo. Depois temos a questão da *guarda de forragem*, abundante no inverno e escassa ou ausente no verão. Guardar, seja o capim sêco, dos cercados, ou colhido e enfardado, seja fenando o pasto que sobra muitas vezes.

A cultura de plantas forrageiras como a cana Kassoer, a Mandioca, a "Palma", as mucunas, o Feijão de porco, a Grooma e outros sorgos, o capim Elefante var. "A" ("Napier") e os diversos capins — c. de planta, c. de Rhodes, c. Guiné, impõe-se como indispensável quer para prover o gado com forragem verde, quer para preparar o feno necessário. A água do açude deve ser bem aproveitada no estabelecimento de culturas irrigadas dessas forrageiras, e nunca ser empregada exclusivamente, como sempre acontece, na manutenção de sítios, ou de canaviais para fins industriais, ou apenas para o plantio limitado de pequenas áreas nas vasantes ou nas terras frescas a jusante. O dispêndio na construção do açude deve ser bem compensado com um aproveitamento racional da água represada, para fins de irrigação.

A cana Kassoer parece ser mais indicada do que a Ubá ou Taquara. E' mais produtiva e de melhor valor forrageiro. Corrêa Meyer (*) afirma que 45 alqueires da Ubá podem ser substituídos por 10 da Kassoer. Pouco exigente quanto ao

(*) A Correa Meyer — "Cultura da cana forrageira Kassoer" — in *Chacaras e Quintaes*, S. Paulo — Maio, 1932.

solo, dá colheitas de 80 toneladas por hectare. Calculando dez a quinze quilogramas de cana por dia para cada vaca, dois hectares de cana darão para alimentar 50 vacas, durante seis meses de seca, mais ou menos. Embora a cana não seja um alimento completo (e não há mesmo alimentos completos) é todavia de inegável valor como forragem para bovinos e equinos adultos, no tempo dos campos secos.

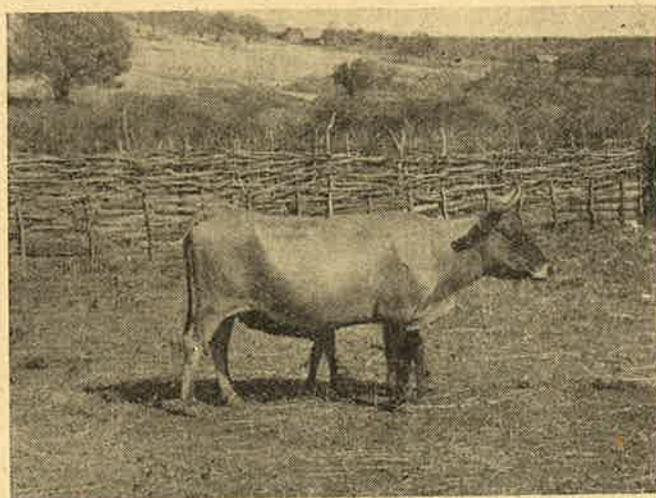


Fig. 5 — Vaca Criola produzindo 4-5 litros no sêco.
Fazenda Nacional de Campos (Estado do Piauí). 1937.

A Mandioca, porque é um produto diretamente interessando à alimentação humana, talvez não seja muito indicada para servir no arraçoamento do gado. Mas deve ser lembrado que ela constitui uma excelente forragem para vacas leiteiras e porcos de engorda. A rama da mandioca mansa também pode ser dada, com vantagem, pois se diz ser de valor nutritivo um pouco superior ao da cana (*).

(*) N. Athanassof. — “Contribuição para o estudo das raras de mandioca comum como forragem, na alimentação do gado leiteiro” São Paulo — 1933.

O preparo da mandioca (rama), para ser dada ao gado, consiste em esfarelá-la num desintegrador, podendo-se fazer a mesma coisa com um macete, esmigalhando-a, num trabalho manual mais penoso. Essa preparação não deve contudo ser muito antecipada, pois uma demora no seu emprêgo acarreta o risco de se estragar, e ser recusado pelos animais ou causar perturbações gastro-intestinais. A proporção a administrar nunca se deve exceder de 8-10 kg. diários, para cada vaca de grande porte.

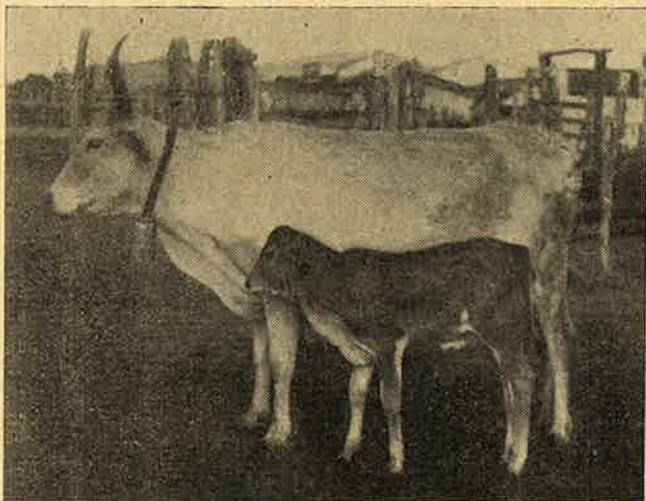


Fig. 4 — Vaca leiteira azebuada comum nos currais do Nordeste. Município do Rio Branco, Pernambuco.

A Palma não se precisa encarecer mais sua utilidade no sertão. Todavia convém lembrar que ela não vegeta bem em solos pobres ou sêcos. Requer terra fresca, na qual se desenvolve bem, dando excelente forragem de verão. Seu valor nutritivo precisa ser melhorado misturando-a com resíduo de algodão.

Certamente a cultura da Mucuna e do Feijão de porco, para fazer feno, constitue novidade para o sertanejo. Mas o bom êxito dessa prática será facilmente verificado nos Postos

Agrícolas da I. F. O. C. S., onde a fenação do feijão Macassar já foi feita com bons resultados.

A Grooma, uma variedade de sorgo, parece constituir uma forrageira digna de atenção. Em 1937 tive oportunidade de testemunhar o bom êxito de sua cultura, em Pernambuco, no Campo de Criação, de Rio Branco, com rendimentos animadores, tanto em sementes como em forragem verde, na soca e ressoca.



Fig. 6 — Vaca Holandesa em pleno campo, sol a pino, aproveitando a “rama” num roçado abandonado. Fazenda Teotônio Quixerambim. (1940).

Os capins a indicar são: o “Elefante” (var. A ou Napier), de rápido crescimento, propagação fácil, grande rendimento e em geral bem quisto pelo gado quando cortado novo. O capim de Planta ou Colônia (*Panicum barbinode* Trind.) já muito disseminado no norte todo, apropriado para corte, muito apreciado pelos equinos, e preferindo terras frescas, mesmo bem úmidas. O capim de Rhodes ou Chloris, forrageira das mais reputadas para feno e corte, já ensaiado no Nordeste com vantagem. O capim Guiné (*Panicum maximum*

Jacq.) de propagação muito fácil e bem resistente à sêca. Em certos solos se desenvolve tão bem que suporta o piso do gado, servindo para pasto. Impróprio para feno. Afim de ser melhor aproveitado convém cortá-lo cedo para que não se torne muito lenhoso. O capim Gordura ou Catingueiro, pelos ensaios feitos em Tigipió (Pernambuco) e em Umbuzeiro (Paraíba) promete tornar-se um elemento valioso na formação de pastagens, pois dissemina-se bem, dando semente, o que garante a renovação do pasto. Serve para preparar um feno muito bom.

No grupo dos concentrados, sobressai-se no Nordeste, o caroço de algodão e o farelo respectivo. O "caroço" é o alimento salvador do gado, no verão, quando a pastagem seca, tornando-se rara e ordinária. Essa prática de dá-lo ao gado *in natura* precisa ser racionalizada e sistematizada. É preciso porém insistir que o uso do farelo ou "resíduo" carece substituir o das sementes. Não só porque estas constituem um alimento mais grosseiro, demais rico de matéria graxa e ainda de celulose, como porque o farelo (e o resíduo) já se trata de um sub-produto, e pois de valor mais baixo, tendo-se aproveitado o óleo das sementes. Sua desvantagem única é deteriorar-se facilmente. Não tem nada de prejudicial, desde que empregado racionalmente. Seu uso deixou de ser temido, pois sua toxidez é insignificante, afetando certas espécies em particular, como os equinos e porcinos, que o toleram em menor proporção do que os bovinos. Do mesmo modo os animais novos — são muito mais sensíveis do que os adultos (*). Uma recomendação a fazer é administrá-lo ao gado recebendo forragem verde, para evitar uma deficiência de vitamina A, no que êle é muito pobre. Principalmente nô estio, esta providência deve ser tomada. Uma boa mistura é com a "palma" picada. As vacas podem receber 1 a 2 kg. por cabeça e para cada 4 litros de leite, que produzam. Os equinos podem receber até 500 gr. por cabeça e por dia.

(*) E. A. Kok "O farelo de Algodão no arraçonamento dos animais" — in *Revista dos Criadores*, São Paulo — Dezembro 1941.

Já escrevi noutro trabalho: “O algodoeiro é uma planta que está naturalmente indicada, por isso, e pelo mais, a ser cultivada em associação com a pecuária, da qual convém aproximá-la sempre, cada vez mais, como um fator de êxito demasiadamente valioso. Elemento forrageiro já dos hábitos do sertanejo, o que se tem a fazer é promover sua sistematização ou utilização metódica e racional.

A criação do gado, constituindo a atividade por excelência estabilizadora do homem, no sertão, nada mais indicado do que associá-lo ao algodoeiro: 1 — como meio de fazer crescer a renda da propriedade, das terras; 2 — como fator preponderante de salvação dos rebanhos, na quadra da sêca; 3 — senão ainda como fonte forrageira, para a garantia do arramento ininterrupto, de um gado melhorado, que só poderá crescer e produzir à base de uma alimentação racional. (*).

RESUMO

O A. relata algumas de suas observações feitas nos rebanhos do sertão do Nordeste brasileiro. Verificou que o gado bovino sertanejo não é bom leiteiro, embora a produção exportável da região sejam os queijos de coalho, de manteiga e o requeijão. Isso se explica porque: 1 — as partições das vacas se acumulam nos primeiros meses do ano, durante a época da abundância forrageira, no tempo das chuvas (inverno); 2 — a produção de leite nas fazendas, embora pequena, é maior do que o consumo local insignificante; 3 — o transporte dêsse leite, para as cidades, é impraticável. O fabrico do queijo é o melhor aproveitamento a dar ao leite produzido, no sertão, disso nascendo uma indústria local, tradicional pou-

(*) Prof. Octavio Domingues — “A pecuária cearense e seu melhoramento” — Rio de Janeiro — 1941.

co desenvolvida porque a matéria prima — o leite, é escassa, só se tornando objeto de importância, uma vez por ano, na estação das chuvas. O A. emite a opinião de que o clima do Nordeste, no interior, e as possibilidades forrageiras dêste não podem estimular a função de lactação do gado. Não quer isso dizer que ela não seja possível: 1 — porque há no rebanho fêmeas mais leiteiras do que a média; 2 — porque se pode melhorar o arraçoamento do gado, em qualidade e em quantidade, plantando certas plantas forrageiras, guardando o excesso da estação chuvosa, quando sobram as pastagens, e aproveitando certos sub-produtos industriais como seja o farelo de algodão para manter o gado e sua produção no tempo da escassez. O A. constatou que as vacas mais leiteiras são as mestiças de crioulo-zebú com Holandês, com Shwyz ou quando têm sangue remoto de Turino, e ainda as Criólas e as Zebucriólas. Parece que o cruzamento provoca a reunião, no mesmo indivíduo, da rusticidade e capacidade de aproveitamento das forragens grosseiras, qualidades próprias do zebuino e da raça nativa, com a aptidão zootécnica das raças melhoradas. O cultivo de plantas forrageiras, o A. reputa como essencial no melhoramento do gado bovino, sem o que a introdução de sangue melhorado se torna ineficiente. As culturas recomendadas são as de capins, de sorgo, de cana forrageira, de mandioca, de cactus sem espinho (“palma”), de algodão para aproveitar as sementes (“caroço”) ou o “resíduo” ou farelo sub-produto da extração de óleo das sementes, como alimento concentrado.

S U M M A R Y

The A. relates some of his observations in the cattle of the Brazilian North East (“Nordeste brasileiro”). He verified that the cattle of this region is generally a poor milker, even though the production that can be exported from this

region is different qualities of cheese (sower cheese, butter cheese and "requeijão"). The explanation is: 1 — The cows calve mostly in the first months of the year, during the time of forage abundance, in the rainy season (the so-called winter). 2 — The milk production of the farms, even small, is larger than the local insignificant consume. 3 — The transportation of this milk to the cities is impossible. The manufacture of cheese is the best profit you can take from the production of milk in the region, from this rises a local industry, not very developed because the raw material, the milk, is in a small quantity, only once a year, during the rainy season, being of some importance. The A. states that the North East climate and the forage possibilities of this region cannot stimulate the milking qualities of the cattle. That does not mean that it isn't possible: 1 — because there is, in the herds some, cows that are better milkers than the average 2 — because the rations can be improved in quantity and in quality, cultivating certain forage crops, keeping the forage after the rainy season when there is an excess of pasture, and using some of the industrial sub-products, as the cottonseed meal to maintain the cattle in production during the dry season. The A. verified that the best milkers are the crosses of Holstein and Brown-Swiss with the Brahma-"Criôlo" cattle that is, Brahma with native blood), or those that have a little "Turino" blood (cattle with Holstein blood), and also the "Criôlo" and Brahma-"Criôlo". It looks as if the crossing brings together, in the same individual, qualities of the Brahma (Zebú) and the "Criôlo" (native cattle), as the vigor and the capacity to use coarse forages, and the qualities of production of the improved breeds. The A, reputes as essential the cultivation of forage crops, without it the introduction of better blood becoming of no effect. The recommended cultures are: the grass, the sorghum, the sugar cane, the cassava, the Cactus ("Palma") and the utilization of the cotton seeds and the cottonseed meal.